



## REFLEXIONES - ENSAYOS

### A DOR E O SOFRIMENTO - UMA CONEXÃO ENTRE O PENSAR FILOSÓFICO E O ESPIRITUAL.

EL DOLOR Y EL SUFRIMIENTO - UNA CONEXIÓN ENTRE EL PENSAR FILOSÓFICO Y EL ESPIRITUAL.

**\*Fenili, R. M., \*\*Takase Gonçalves, L. H., \*\*Azevedo dos Santos, S. M.**

\*Enfermeira. Mestre em Assistência em Enfermagem. \*\*Doutora em Enfermagem. Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Palavras-chave: Dor; Sofrimento; Filosofia; Espiritualidade.

Palabras clave: Dolor; Sufrimiento; Filosofía; Espiritualidad.

### RESUMEN

Trata o presente artigo de uma reflexão inicial do ponto de vista teórico, filosófico e espiritual sobre a dor e o sofrimento. Mesmo sabendo-se que esses temas são pouco discutidos na sociedade moderna, cuja tônica é evitar-se as dores e os sofrimentos a qualquer custo. As autoras buscam compreender o real significado desses construtos através de um mergulho no pensamento do filósofo Schopenhauer. Segundo esse autor a dor e o sofrimento são frutos de uma vontade contrariada, mas que a pessoa que sabe vivenciá-las está mais perto da salvação. No campo da espiritualidade as diferentes correntes religiosas e filosóficas têm percepções diversas sobre o significado da dor e do sofrimento humano. Nesse artigo, mergulhamos mais na busca da compreensão dos mesmos segundo a doutrina espírita, onde eles são percebidos de maneira positiva por representarem à possibilidade de evolução, crescimento e purificação do espírito. Certamente encontraremos diferentes compreensões acerca do sofrimento da dor se olharmos sobre o ponto de vista da cultura, da tecnologia, das dimensões físicas e psíquicas, entre outras. Não tivemos aqui a pretensão de esgotar o tema, mas apenas começar a refletir sobre o mesmo.

## RESUMEN

El presente artículo trata de una reflexión inicial desde el punto de vista teórico, filosófico y espiritual sobre el dolor y el sufrimiento. Se sabe que esos temas son poco discutidos en la sociedad moderna, cuya tónica es evitar los dolores y los sufrimientos a cualquier costo. Las autoras buscan comprender el real significado de esos conceptos adentrándose en el pensamiento del filósofo Schopenhauer. Según este autor el dolor y el sufrimiento son frutos de una voluntad contrariada, pero la persona que sabe vivenciarlos está más cerca de la salvación. En el campo de la espiritualidad las diferentes corrientes religiosas y filosóficas tienen diversas percepciones sobre el significado del dolor y del sufrimiento humano. En este artículo, nos adentramos más en la búsqueda de la comprensión de los mismos según la doctrina espírita, en la que son percibidos de manera positiva por representar la posibilidad de evolución, crecimiento y purificación del espíritu. Ciertamente, encontramos diferentes comprensiones acerca del sufrimiento del dolor si miramos desde el punto de vista de la cultura, de la tecnología, de las dimensiones físicas y psíquicas, entre otras. No tuvimos aquí la pretensión de agotar el tema, sí, de comenzar a reflexionar sobre el mismo.

## TECENDO AS PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Falar da dor e do sofrimento, em um primeiro momento, de alguma forma, faz retomar essa vivência. Incita movimentos internos, rememora situações experienciadas, traz à tona imagens que estavam adormecidas e sem qualquer necessidade de despertar.

O sofrimento pode ser considerado como uma questão subjetiva, abrangendo as dimensões psíquicas, mentais, sociais, espirituais. A dor, geralmente, está mais ligada a uma percepção de um estímulo doloroso periférico ou no sistema nervoso central, mas está associada a uma resposta efetiva. Talvez o sofrimento possa ser visto como mais abrangente, complexo, global, existencial. No entanto, eles se reforçam mutuamente, ou seja, uma dor insuportável pode influenciar as dimensões do sofrimento e da mesma forma, uma ansiedade pode acentuar a dor.

As pessoas passam no transcorrer de sua vida por um ou mais momentos de dor e sofrimento. Esses os acompanham, de certa maneira, durante todo o percurso de sua vida, sendo provocados pelas diversas disfunções, tais como: físicas, psíquicas, sociais, espirituais ou diferentes combinações das mesmas. Dentro desse caminhar, pode-se focar a dor física, a dor da indiferença, a dor do desprezo, a dor do abandono, a dor da perda, a dor da imobilidade e tantas outras dores que vão se apresentando.

A dor e o sofrimento advêm de doenças, perdas, injustiças, violências, ódio, inveja, desamor, ou seja, um rol de determinantes que vai demarcando o viver. São questões que se podem abordar como metafísicas, morais, corporais e, que constituem a essência do ser humano.

Considerando-se a dor e o sofrimento como um dos componentes da dinâmica do viver, geralmente se procura ignorá-los. Essa é uma realidade tão próxima, tão familiar, quanto à estranheza e o pavor que muitas vezes pegam de surpresa. É estar frente ao que pode ser

la como um espetáculo, com imagens bem elaboradas, reais ou virtuais, que de certa forma satisfazem, sensibilizam. No entanto, pela constância com que se pensa ou se vive essa situação as mesmas vão deixando de causar emoção. Porém pode também levar a refletir ou a esquecer a própria dor; a questionar sobre o teor de sua significação, seu sentido para a vida.

A dor e o sofrimento são experiências únicas, próprias, intransferíveis, difíceis, que ferem profundamente; experiências que podem ser consideradas de desprazer. Por outro lado, a dor é considerada importante para a sobrevivência. Se não for pressentido o que seja vivenciar a dor, os meios de prevenção de certa forma seriam impossibilitados.<sup>1</sup>

A dor (física, mental, psíquica) está ligada ao sistema nervoso, dentro de todo um encadeamento neuronal e sua intensidade é influenciada por fatores que podem provocar mudanças, tanto em sua redução quanto em seu aumento. A pessoa ao ser acometida por uma dor aguda sente-se inquieta, excitada, o medo sobressai, mas de alguma forma a esperança de encaminhamentos, resoluções também se fazem presentes. A dor crônica pode levar ao desânimo, à desesperança, à resignação, à depressão ou em saber conviver ou viver com ela.

A dor aliada ao sofrimento, emoção considerada como negativa, por vezes remete ao desejo de fuga, de não enfrentamento, do não repensar, do não ressignificar a própria vida. O passar por uma experiência de dor e de sofrimento tem sido, de certa forma, negado em virtude dos grandes avanços científicos, tecnológicos dos últimos séculos. Se os recursos técnicos, a medicalização, através da competência que lhe é atribuída, restituem ao corpo o prazer, o funcionamento perfeito, a exclusão da dor, o sentido da dor não mais existe. No entanto, quando se lança mão desses recursos “para evitar a dor física, destruímos a capacidade de sentir dos seres humanos”<sup>2:2</sup>, há uma apropriação da possibilidade da pessoa vivenciar, mostrar sua dor e sofrimento; estes são anestesiados, enclausurados.

A sociedade moderna direciona seu fazer para evitar os sofrimentos, as dores, “proteger” de alguma forma as pessoas, o que não ocorria nas sociedades primitivas onde os rituais, os cerimoniais estavam presentes integrando o homem com seu grupo, o homem com o cosmos e a todos era dada a oportunidade de vivenciarem suas dores.

## **PENSANDO FILOSÓFICAMENTE**

A reflexão e a discussão sobre a dor e o sofrimento já vêm sendo feita desde a antiguidade e, ainda, é fortemente presente como um desafio teórico, pois se caracteriza como uma constância na história da humanidade, constituindo, de certa forma, o vivenciar humano.

Fazendo um recorte da filosofia e buscando estabelecer um paralelo com esse contexto apresento alguns aspectos do trabalho de Schopenhauer<sup>1</sup>, que é considerado um filósofo pessimista em virtude do sofrimento estar presente em tudo que vê. Talvez isso possa ter tido como nascente as relações conflituosas vivenciadas com sua mãe. Teve uma vida solitária, preferindo manter relações mais com os animais do que com as pessoas. Para ele toda vida é sofrimento. A existência é concebida como trágica, mas uma catarse também é provocada. Sua filosofia é conceituada como do consolo, que vacila entre o pessimismo teórico e o otimismo prático<sup>3</sup>. Este consolo talvez possa ser pensado quando se observa que algumas pessoas são mais infelizes que outras.

O pensamento de Schopenhauer teve a filosofia kantiana<sup>ii</sup> como ponto de partida. Para ele o mundo nada mais seria do que representações; a síntese entre o subjetivo e o objetivo, a realidade externa e a consciência humana. Esse filósofo teve como sua principal obra *O Mundo como Vontade e Representação*, escrita em 1819. O mundo considerado como representação abrange duas partes necessárias, importantes e inseparáveis. Uma delas é o objeto; suas formas são o espaço e o tempo, donde a pluralidade. A outra parte é o sujeito; não se encontra colocada no tempo e no espaço, porque existe inteira e indivisível em todo ser que percebe. Com isso resulta que um só desses seres junto do objeto compõe o mundo como representação, tão perfeitamente quanto todos os milhões de seres semelhantes que existem. No entanto, se esse único ser que percebe desaparecer, o mundo como representação conseqüentemente também não mais existirá. Ser sujeito é formar e ter representações; ser objeto é ser conteúdo de uma representação.<sup>4</sup>

Ao falar em vontade, “todo ato real, efetivo da vontade é imediata e diretamente um ato fenomenal do corpo; e, pelo contrário, toda ação que é exercida sobre o corpo é por esse fato e imediatamente uma ação exercida sobre a vontade”. Desta forma a dor, o sofrimento surgiria em decorrência dessa ação ser contra a vontade; já resultaria em prazer, satisfação, bem-estar, felicidade quando a ação estivesse em conformidade com a vontade.<sup>4:110</sup>

Schopenhauer relaciona o sofrimento à questão do desejo; este devido a uma falta que necessita ser satisfeita. Enquanto isso não ocorrer, é sofrimento. No entanto coloca que “nenhuma satisfação dura; ela é apenas o ponto de partida de um novo desejo. Vemos o desejo em toda parte travado, em toda parte em luta, portanto sempre no estado de sofrimento: não existe fim último para o esforço, portanto não existe medida, termo para o sofrimento”.<sup>4:325</sup>

A vontade esclarece a forma de ver a realidade, o mundo e o que nele acontece. A vontade é algo infinito, uno, indizível, e não uma vontade finita, individual, ciente. Por ser a vontade infinita, trás a insaciabilidade, ou seja, gera um conflito resultando em dor e sofrimento.<sup>5</sup>

Schopenhauer descreve o sofrimento como “apenas uma vontade que não está satisfeita, e que está contrariada: mesmo a dor física que acompanha a desorganização ou a destruição do corpo não tem outro princípio, o que a torna possível é que o corpo é a própria vontade no estado de objeto”.<sup>4:381</sup>

Para esse autor, a vontade é a raiz metafísica do mundo e da conduta humana, é concomitantemente a fonte dos sofrimentos. As expressões da vontade estão ligadas à vontade de viver, que sofre diferenças em cada indivíduo. A pessoa que sofre, que sente a dor física, percebendo essa situação como um mal pode, por outro lado, no sentido metafísico, compreendê-la como um bem, uma bem-aventurança, possibilitando a remissão, a salvação. Reforça ao dizer que a dor “enquanto mortificação e encaminhamento para a resignação possuem em potencial uma virtude santificante. É isto que explica por que uma grande infelicidade, um sofrimento profundo, merece sempre um certo respeito”.<sup>4:414</sup>

Segundo a filosofia schopenhauriana, a vida humana apresenta a concepção de uma tragédia, quando se ressaltam as esperanças frustradas, os remorsos, as culpas, na verdade a negatividade que se experimenta no viver. O bem e o mal se entrelaçam durante a vida, e ainda que viver expresse sofrer, Schopenhauer acredita em uma ética que permeia o caos humano<sup>5</sup>. Ao fazer sua discussão sobre a ética trabalha com as

questões das virtudes e dos vícios.

Schopenhauer menciona a compaixão como sendo a forma pela qual o homem liberta-se de sua individualidade, reconhecendo-se como parte de um todo, compartilhando com os demais, o sofrimento de viver.

Para Schopenhauer egoísmo, piedade e ascetismo são os três graus da moral. Ele vê o egoísmo como o mais presente na vida do homem, tendo raízes profundas na alma humana e fazendo do homem o inimigo do homem.<sup>6</sup>

Esse pensamento remete a séculos passados, mas ao mesmo tempo, ainda está tão presente nos dias de hoje, no cotidiano. Frente a isso se pode perceber o quanto essas situações talvez estejam fortalecendo e mantendo, de alguma forma, as dores e os sofrimentos dos seres humanos.

Contraopondo-se ao princípio moral kantiano - dignidade do homem - estabelece que

*com cada pessoa com que tenhamos contato, não empreendamos uma valorização objetiva da mesma conforme valor e dignidade, não consideremos portanto a maldade da sua vontade, nem a limitação do seu entendimento, e a incorreção dos seus conceitos; porque o primeiro poderia facilmente ocasionar ódio, e a última, desprezo; mas observemos somente seus sofrimentos, suas necessidades, seu medo, suas dores. Assim, sempre teremos com ela parentesco, simpatia, e, em lugar do ódio ou do desprezo, aquela compaixão que unicamente forma a ágape pregada pelo evangelho. Para não permitir o ódio e o desprezo contra a pessoa, a única adequada não é a busca de sua pretensa "dignidade", mas, ao contrário, a posição de compaixão.*<sup>6:244</sup>

Enfatiza que a mágoa, a tristeza, o movimento do pensamento e não as fadigas físicas é que consomem, desgastam, enfraquecem o corpo.<sup>4</sup>

Aborda este filósofo que existe uma relação entre o grau da consciência e o da dor, faz referência ainda à questão de que quanto mais clareza, inteligência o indivíduo tem, mais sofrimentos terá.

Schopenhauer retrata a vida como sofrimento, mas que se vive porque existe uma vontade. Para ele, o homem deixará de sofrer quando aniquilar a vontade, mas só ocorrerá por uns instantes, quando ele apresenta a arte, pois esta livra por um momento o homem da vontade e assim, nesse espaço de tempo, ele deixa de sofrer. Essa contemplação artística pode ser considerada como uma via para a eliminação da dor.<sup>4</sup>

Por natureza, a vida não admite nenhuma felicidade verdadeira, que é essencialmente um sofrimento em aspectos diversos, um estado de infelicidade radical. Para ele então, o sofrimento é a essência da vida. Desta forma, o sofrimento não se infiltra vindo de fora, se traz a inesgotável fonte da qual ele sai.

Para Schopenhauer "(...) a essência da vida, a vontade, a própria existência é uma dor constante tanto lamentável como terrível; e de que, por outro lado, tudo isso, encarado na representação pura ou nas obras de arte, está liberto de toda dor e apresenta um espetáculo imponente."<sup>4:281</sup>

É sentido neste filósofo o pessimismo, a negatividade frente ao mundo, frente a si mesmo, frente ao outro, reconhecendo o sofrimento e dor como elementos constantes da vida, que precisam ser vivenciados e encarados.



Ao buscar a origem da dor, a filosofia a vê como uma falta, uma deficiência, proveniente do erro, ou seja, “a dor causada pelo ser humano sobre si e sobre outros ao errar” ou ainda “(...) a dor que gera o erro e o erro que gera a dor”.<sup>2:3</sup>

A dor e o sofrimento geram espetáculo, geram tragédia. A dimensão do trágico mobiliza o sensível, as fragilidades, as potencialidades, a luta pela vida, mas também alimenta a crueldade, o prazer, a revolta, ou seja, a contradição que habita o ser humano.

## PENSANDO ESPIRITUALMENTE

No mundo em que se vive o materialismo é ainda muito valorizado, mas a dor e o sofrimento podem também ter uma explicação religiosa, sagrada, espiritual. Se a ênfase tem sido centrada na libertação imediata da dor, evita-se, de certa forma, reflexão sobre suas possíveis razões e causas determinantes.

Ao se buscar o espiritual, o religioso, pode se encontrar diversas visões ou significados para a dor e o sofrimento. Uma delas é a visão cristã trazendo o sofrimento, padecimento, morte e a ressurreição de Cristo, dando sentido, significado à dor; o sacrifício do corpo leva a salvação. O cristianismo atribui, de certa forma, à desobediência, as culpas, ao pecado original e aos outros pecados cometidos, a dor e o sofrimento.

A explicação cristã do sofrimento considera que os homens vivem em um contexto de culpa em razão de ver a si mesmo como o centro do mundo, e isso só será finalizado se for experimentado como sofrimento. Também aponta para o sofrimento “vicário”, que se refere ao sofrimento de alguém em padecimento do outro, e aqui o sofrimento de Cristo por todos os homens demonstra essa situação.<sup>7</sup>

O budismo trabalha com a anulação do sofrimento através da invalidação da vontade, ou seja, se o sofrimento é frustração, que impossibilita obter algo que se deseje, então o que deve ser buscado é algo que não se esteja desejando.<sup>7</sup>

Outras visões poderiam ser citadas, mas é feita a opção por abordar um pouco mais sobre a visão espírita em relação à dor e o sofrimento.

Ao se falar em visão espírita procura-se apresentar o discurso da doutrina espírita, ou doutrina kardecista ou espiritismo<sup>iii</sup>, designações como é chamada. A doutrina espírita foi sistematizada e codificada por Allan Kardec<sup>iv</sup>, tendo como obra fundamental O Livro dos Espíritos (1857), que contém os princípios básicos, o corpo teórico fundamental (parte filosófica). Completam essa codificação outras quatro obras<sup>v</sup>.

O conteúdo doutrinário espírita é universalmente conhecido como um conhecimento tríplice, ou seja, científico, filosófico e religioso. É considerado filosófico em virtude de contribuições de filósofos espiritualistas como Pitágoras, Sócrates, Platão entre outros. No entanto, é importante ressaltar que

*não corresponde ao produto intelectual de um filósofo, nem a criação de uma Escola Filosófica. Corresponde, contudo, às reflexões, análises e interpretações do conhecimento filosófico numa concepção do homem, da vida e do Universo, de acordo com as revelações dos Espíritos Superiores, bem como, de acordo com as descobertas científicas experimentais (como a fenomenologia mediúnica).*<sup>8:299</sup>

A dor é considerada como “o aguilhão que impele o homem para a frente, no caminho do progresso”<sup>9:62</sup>. A dor aqui é vista no sentido positivo, estimulando para a evolução, para o aperfeiçoamento que o ser humano deseja alcançar.

O sofrimento, tanto físico como moral, é percebido como tendo um papel importante à evolução, é um meio de desenvolvimento e progresso. O sofrimento visto como um momento de purificação, pode ser reconhecido como um fator importante no caminho da evolução. Denis<sup>vi</sup> concebe a dor como “a purificação suprema, a escola onde se aprendem a paciência, a resignação, todos os deveres austeros. É a fornalha onde se funde o egoísmo, onde se dissolve o orgulho”.<sup>10:190</sup>

A dor, neste sentido, serve como um estimulante para as atividades, leva a introspecção e a reflexão, ajuda a vencer as paixões. É considerada como o caminho do aperfeiçoamento, mas compreendendo esse aperfeiçoamento em um sentido mais amplo - pessoal, intelectual, moral.

Em O Livro dos Espíritos é discorrido sobre a sensação da dor no corpo físico e no corpo espiritual, em que o corpo é visto como o instrumento da dor e que mesmo não sendo ele a causa primeira, será pelo menos a causa imediata. O sofrimento, algumas vezes independe da pessoa, mas, no entanto, muitos deles ocorrem em razão da própria vontade. Aqui são observados os excessos, a ambição, o orgulho, a inveja, entre outros, que através do livre arbítrio, as escolhas são feitas, mas que em algum momento, surgirão os sofrimentos físicos e principalmente os sofrimentos morais.<sup>11</sup>

O livre arbítrio proporciona a opção por como e quando agir, e este agir pode liberar o espírito do sofrimento ou incitá-lo ao mesmo.

A vontade é responsável pela harmonia do espírito. Emmanuel<sup>vii</sup> coloca que a vontade governa todos os âmbitos da ação mental.<sup>12</sup> Pode ser considerada como o leme que dirige as funções psíquicas, levando-as para uma ou outra direção. Através dela as escolhas e decisões são estabelecidas e os compromissos são assumidos.

Joana de Angelis<sup>viii</sup> vê a dor não como uma punição, mas como um mecanismo da vida a serviço da própria vida. Coloca que quanto à gênese do sofrimento, mesmo com todo esforço que seja feito para abrandá-lo, se as causas não forem removidas, somente será agido paliativamente. Considera o sofrimento como uma doença da alma, que ainda se atém às sensações e que escolhe direções e ações que produzem desequilíbrios. Ao procurar fugir, escamotear, anestesiar o sofrimento, são utilizados mecanismos de alienação que resultam em preterir a realidade, somando-se a isso a sobrecarga de complicações em razão do tempo perdido. O sofrimento e o amor são para ela interdependentes, considerados como mecanismo de evolução. Quando um se afasta, o outro se mostra.<sup>13</sup>

Para a doutrina espírita, o reagir com ira, violência e rebeldia (vícios) ao sofrimento, contribui para que este se amplie, pois são proporcionadas novas desarmonias em áreas que não foram acometidas.

A dor física alerta de que algo não está funcionando corretamente na máquina orgânica. A dor moral, apresentada através do medo, angústia, ansiedade, insegurança, desespero, entre outros, aponta desequilíbrios no espírito, na individualidade. Tanto uma como a outra dor passam a informação de que algo não está bem e que necessita ser sanado.

É colocado pela doutrina espírita que o sofrimento pode ter como função uma expiação, provação ou missão. A expiação refere-se às transgressões às Leis Divinas, em que os

danos cometidos deverão ser reparados. O desenvolvimento das potencialidades, a subida evolutiva, demanda trabalho, esforço, transpor desafios, isto seria a provação. O sofrimento missão corresponde aos espíritos considerados mais evoluídos que aceitam tarefas em planos inferiores, como forma de ajudar os menos evoluídos. Vêm a este mundo para dar o exemplo da grandeza no sofrimento. Essa situação pode ser resgatada através da história em todos os tempos do mundo.

Existem pessoas sofredoras que são consideradas conformistas. Perdem o entusiasmo, a alegria pela vida, consideram-se derrotadas, vencidas, sentem-se incapazes de assumir o que acontece em suas vidas. Por outro lado, há aquelas que sabem, de alguma forma, sofrer, ou seja, a revolta não se faz presente, os obstáculos são enfrentados através da mobilização de suas forças. Conseguem tirar o positivo das dificuldades que enfrentam.

Jesus afirmou o sentido, a utilidade do sofrimento ao declarar serem “Bem-aventurados os aflitos”, o que parece ser um contra-senso já que a felicidade é o que as pessoas aspiram. Mas, como coloca a doutrina espírita, conhecedor de que a oportunidade é dada à condição de espíritos ainda pouco evoluídos, amadurecidos, o sofrimento é considerado como um instrumento que possibilita a transformação para o bem, resultando desta forma a felicidade desejada.

A vida corporal é considerada para a doutrina espírita como transitória e as dores e sofrimentos que lhe são iminentes, constituem meios para evolução. Isso faz com que os espíritos mais se angustiem quando as causas se referem a questões morais e não físicas, já que estas são passageiras, ou seja, o corpo físico se degrada, o corpo espiritual permanece.

Emmanuel coloca que “toda dor física é um fenômeno, enquanto que a dor moral é essência”. Daí a causa porque a primeira vem e passa, mesmo que seja resultando na morte dos órgãos físicos e que a dor espiritual leva ao trabalho do aperfeiçoamento e resgate.<sup>15:144</sup>

A dor física pode ser considerada como um aviso da natureza para que o ser humano possa se preservar dos excessos. Isso faz com que os órgãos não cheguem à destruição talvez antes do tempo determinado.

Caso sejam ignorados esses avisos, possibilitando que a doença se desenvolva, se instale, ela poderá se tornar um benefício, se for causada por abusos e vícios, pois poderá ensinar a detestá-los e a corrigi-los. O sofrimento, de certa forma, promove o autoconhecimento e o conhecimento da vida.<sup>14</sup> As dores e sofrimentos são vistos como corretivos aos abusos cometidos no processo de viver; possibilitam a transformação dos vícios em virtudes.

Para a doutrina espírita a reflexão sobre as dores e sofrimentos é considerada importante e da mesma forma o não enfraquecimento frente a elas, pois poderão contribuir para o crescimento e progresso gerando sempre alguma transformação. O homem através da sua evolução adquire mais serenidade, equilíbrio, harmonia e calma ao se deparar com suas dores e sofrimentos.

O sofrimento permite ver, ouvir, sensibilizar, sentir coisas que muitas vezes não é conseguido perceber. O mundo materializado abre espaço para que um outro mundo possa ser projetado.

A dor ao ser eliminada, é eliminada também a coragem de suportá-la. Aqui entra a resignação. Vista não num sentido pacífico, mas de luta na continuação de tudo o que



ainda necessita e que possa ser realizado, vendo-a como uma oportunidade dentro do processo evolutivo. Pode ser considerada como uma resignação dinâmica, ou seja, ter a coragem para aceitar o problema que esteja vivenciando, refletindo-se no enfrentamento e remoção do que lhe tenha provocado.

A dor não precisa ser procurada, mas, no entanto, quando esta ocorrer, deve ser acolhida, procurando conhecê-la, descobrindo seus ensinamentos, aproveitando o que poderá oferecer ao coração e ao espírito. A harmonia e a beleza são Leis Universais e a dor neste contexto tem o seu papel estético, ou seja, fazer a dor mais bela, em decorrência da compreensão que se passa a ter sobre ela dentro do viver.<sup>14</sup>

O sofrimento mobiliza a necessidade e a eficácia de uma crença que se coloca, ao mesmo tempo, na razão, no sentimento e nos fatos que de alguma forma explique o problema da dor. Desta forma, a dor e o sofrimento não são inúteis, nem considerados como resultantes do acaso, pois obedecem ao mandamento natural da evolução do espírito. Compreender estas leis é possibilitar, de alguma forma, ao autoconhecimento. Esse, unido a uma mudança interior, que na doutrina espírita é denominada reforma íntima, resultará em uma percepção e uma práxis mais consciente da dor e do sofrimento.

Expressa André Luiz<sup>ix</sup> que em decorrência de toda queda moral, resultará lesão no hemisfério psicossomático ou perispírito e esta ocasionará desarmonia no hemisfério somático, provocando determinada causa de sofrimento. A dor então “é sempre uma situação de alarma ou emergência, mais ou menos durável no império orgânico, requisitando o socorro externo da medicina do corpo ou da alma, na execução do alívio ou da cura”.<sup>16:203</sup>

Joana de Angelis mostra que o sofrimento é transitório, em decorrência do desequilíbrio da energia, mas que se “direcionada para o bem e para o amor, deixa de desarticular-se, facultando aos seres a iluminação, a plenitude, portanto, a saúde integral, que a todos os seres do mundo está reservada pelo Pai Criador”.<sup>13:133</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática relacionada à dor e ao sofrimento encontra na questão técnica, na tecnologia, através do seu avanço, com pesquisas incessantes, descobertas fabulosas, contribuição essencial ao intervir constantemente na saúde, através dos resultados extraordinários ao ser humano. Tais avanços talvez não levem ainda para a eliminação total da dor física, que já não se deseja suportar, mas contribuem para uma diminuição muito significativa. No entanto, toda tecnologia ainda não consegue cercear o desespero que o ser humano sente.

Desta forma, a dor e o sofrimento necessitam serem percebidos, encarados, assistidos na totalidade de suas dimensões - físicas, psíquicas, espirituais, sociais, culturais, ecológicas, econômicas e outras mais que se queira acrescentar. O que talvez possa ser refletido ao ser colocado que “Se os médicos fracassam na maioria das doenças, é que tratam o corpo sem a alma, e que, o todo não estando em bom estado, é impossível que a parte se porte bem”.<sup>17:31</sup>

Dentro da sociedade, a extinção rápida da dor é o caminho considerado o mais racional, lógico e normal. Frente a isso a pessoa se torna uma consumidora “voraz”, em busca de soluções urgentes para a sua dor. Com isso, é levada à pessoa, de certa forma, a incapacidade de enfrentá-la, vivenciá-la e inseri-la como tendo um significado, um sentido,

uma razão de ser.

Cada dor, sofrimento é a própria dor e a dor do outro, que tem uma história, encontra-se em seu contexto, em seu momento. Será que as pessoas em seus momentos de dores e sofrimentos são acolhidas, respeitadas em suas escolhas, em suas concepções de vida, em suas crenças e significados? Talvez por se viver em uma sociedade já tão secularizada em que o sofrer já não tem sentido, não se permita perceber a significação do próprio sofrimento e o do outro.

A dor e o sofrimento ao serem consideradas em suas várias interfaces, impedem, de certa forma, de se ater a uma única forma de olhar, de perceber, de inseri-la em um micro e sim de abordá-la em um macrocosmo da concepção humana.

Ao se apresentar fisicamente, a dor e o sofrimento, e por apresentarem uma interconexidade com precursores emocionais, espirituais, filosóficos, culturais e outros mais, torna-se necessário rever as formas como são tratadas e neste sentido, visitar as visões que ainda se encontram, de uma certa forma, positivista e reducionista do homem.

Procurou-se nesse recorte da visão filosófica e da visão espiritual sobre a dor e o sofrimento abrir espaços para outras discussões dentro da área da saúde como forma de ampliar a assistência, o cuidado, a compreensão da legitimidade da dor e do sofrimento do ser humano.

#### NOTAS:

- i. Filósofo alemão - 1788 -1860.
- ii. Ver em SCHOPENHAUER, A. O Mundo como Vontade e Representação, III Parte, Crítica da filosofia kantiana, Parerga e Paralipomena (Capítulos V, VIII, XII, XIV). Tradução de Wolfgang Leo Maar, Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Faz uma crítica da filosofia de Kant, mas não deixando de reconhecer o quanto ela a influenciou.
- iii. O Espiritismo “é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo. É ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica” (Kardec A. O que é o Espiritismo. Tradução de Salvatori Gentile.Revisão de Elias Barbosa. 56. ed. Araras, São Paulo: IDE, 2004, p.12).
- iv. Pseudônimo do pedagogo francês Hippolyte Leon Denizard Rivail.
- v. O Livro dos Médiuns (1861), O Evangelho segundo o Espiritismo (1864), O Céu e o Inferno (1865) e A Gênese (1868)
- vi. Conhecido como filósofo do espiritismo, francês e continuador de Kardec na propagação do espiritismo (1846-1927) .
- vii. Espírito que se apresenta através das obras psicografadas do médium Francisco Cândido Xavier.
- viii. Espírito que se apresenta através das obras psicografadas do médium Divaldo Pereira Franco.

- ix. Espírito que se apresenta através das obras psicografadas do médium Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira.

## REFERÊNCIAS

1. Delouya D. Dor, mais. 2005 Maio 17. Disponível em: <http://www2.oul.com.br/percurso/main/pes27/27Daniel.htm>.
2. Assmann SJ. Sobre o sentido (filosófico) da dor. Curso de capacitação em visitação hospitalar e apoio espiritual. Florianópolis, 2004. Mimeo
3. Barboza J. Prefácio. In: Schopenhauer A. Metafísica do amor, metafísica da morte. Tradução Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
4. Schopenhauer A. O Mundo como Vontade e Representação. Tradução Arthur M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
5. Carvalho US. Alguns dados sobre Schopenhauer. 2005 Maio 17. Disponível em: <http://www.watacio.br/rededeletas/numero12/postudoextudo/default.asp>.
6. Schopenhauer A. O Mundo como Vontade e Representação, III Parte, Crítica da filosofia kantiana, Parerga e Paralipomena (Capítulos V,VIII,XII,XIV). Tradução de Wolfgang Leo Maar, Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
7. Spaemann Robert. El sentido del sufrimiento. 2005 Jun 27 . Disponível em: <http://www.interrogantes.net/includes/documento.php?IdDoc=1764&IdSec=195>.
8. Dibo D. Espiritismo e religiões encarnacionistas: um compêndio sobre vidas passadas. São Paulo: Madras, 2001.
9. Kardec A. A Gênese. Tradução de Salvatori Gentile.Revisão de Elias Barbosa. 28. ed. Araras, São Paulo: IDE, 2002.
10. Denis L. Depois da morte : explicação da doutrina dos espíritos. Tradução Maria Lúcia Alcântara de Carvalho. 1. ed. Rio de Janeiro: CELD, 2000.
11. Kardec A. O Livro dos Espíritos. Tradução de Salvatori Gentile.Revisão de Elias Barbosa. 99. ed. Araras, São Paulo: IDE, 1995.
12. Xavier FC. Pensamento e Vida. Obra mediúnica, ditada pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1983.
13. Franco DP. Plenitude.Obra mediúnica, ditada pelo Espírito Joana de Angelis. Rio de Janeiro: Arte & Cultura, 1991.
14. Denis L. O Problema do ser, do destino e da dor. 16. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1991.
15. Xavier FC. O Consolador . Obra mediúnica, ditada pelo Espírito Emmanuel. 8. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1980.
16. Xavier FC, Vieira W. Evolução em dois mundos. Obra mediúnica, ditada pelo

Espírito André Luiz. 3. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1971.

17. Kardec A O Evangelho segundo o Espiritismo. Tradução de Salvatori Gentile. Revisão de Elias Barbosa. 208. ed. Araras, São Paulo: IDE, 1997.

ISSN 1695-6141

© [COPYRIGHT](#) Servicio de Publicaciones - Universidad de Murcia